

OS FUNDADORES

ANTÔNIO BEZERRA

Antônio Bezerra é a personificação do valor do nosso tipo étnico. Ninguém, como êle, retrata tão perfeitamente êsse conjunto de singularidades que especifica e caracteriza o cearense. Manteve nos atos a inteireza religiosa ancestral. Envolveu o próprio mérito no manto da mais angélica e despretensiosa modestia. Conservou, como a linha dominante de sua diretriz individual, êsse desinterêsse e desprendimento que o fizeram benemérito da nacionalidade.

Nunca se vira quem trabalhasse com mais espírito de renúncia, com tanto desapêgo a vantagens e remunerações. Estava sempre decidido a servir o bem comum, sem outra intenção, a não ser a de cooperar para o engrandecimento do torrão nativo, que amou com tôda a pureza dalma e honrou com tôda a bravura do seu legendário patriotismo.

Nem faltou a Antônio Bezerra o desígnio que Alencar tão graciosamente denominou a **PREDESTINAÇÃO DE UMA RAÇA**, a comentar que partiu rumo a paragens remotas e descendente do primeiro desbravador da civilização, nascido em nossas alvas praias ensombradas de coqueiros. . .

Emigrou, efetivamente, Antônio Bezerra para o extremo Norte, onde prestou a sua contribuição ousada e generosa à conquista do reino das matas virgens para a unidade nacional, pelo esforço e persistência dos nossos valentes conterrâneos.

Fixado domicílio em Manaus, exerceu ali, por muitos anos,

o cargo de diretor do Museu Amazonense e, com a inclinação que revelava para as ciências naturais, aumentou o seu largo cabedal de conhecimentos, nesse domínio de sua especialidade. Redigiu então o jornal *A Pátria*, órgão dos cearenses ali residentes. Escreveu artigos que despertaram sensação, em tórno de suas observações concernentes aos mais palpitantes assuntos regionais. Através daquela tribuna, assumiu ardorosa defesa dos seus compatriotas explorados pelos proprietários de seringais. A êle se aplicam a primor êstes expressivos versos do bardo dolorido:

*E vou, indiferente a cicatrizes,
Vivendo por amor dos desgraçados,
Morrendo pelo bem dos infelizes...*

Em sua linguagem liberta das restrições comumente aconselhadas pelas conveniências, aponta vícios e crimes, responsabiliza os poderes do tempo, verbera a inclemência ou a impassibilidade dos que tinham o dever de zelar pelas garantias da ordem constitucional. A sua palavra, então, semelha o verbo de um padre da Igreja, inflamado de indignação contra os costumes insólitos dos prevaricadores das leis divinas e humanas.

É a mesma revolta indômita que explode do coração do povo ante o espetáculo das injustiças soezes para com os desprotegidos e deserdados da sorte.

Assim, aconteceu que o bravo combatente da Abolição na Terra da Liberdade veio a ser o advogado dos párias no Inferno Verde. E a sua reação encontrou eco no formidável depoimento prestado por Euclides da Cunha na imprensa da capital da República. A dialética empolgante do autor d'*Os Sertões* atraiu a curiosidade do País, em artigos de extraordinária ressonância, para aquêles obscuros trabalhadores das brenhas selváticas, submetidos à condição de ilotas anônimos em pleno cenário americano!

Ficou assim patente que o problema do trabalho, naquelas ínvias matas tropicais, exigia assistência direta dos responsáveis pela segurança da vida e propriedade dos míseros e desampa-

rados, para quem as instituições democráticas não passavam de mera eufonia. Segundo o dizer veraz de Antônio Bezerra, completava-se ali nada mais nada menos do que ignóbil servidão.

Cabe a Antônio Bezerra o brasão de haver sido o pioneiro das reivindicações cristãs em nosso Direito Social, protestando, em alto brado, pela vigência de uma legislação que assegurasse, a todos os brasileiros, as mesmas obrigações e as mesmas regalias.

Essa facêta de sua atividade intelectual é das mais enaltecidas dos seus merecimentos e dos bons serviços com que se impôs à gratidão da coletividade.

Andrade Furtado